

ASSOCIAÇÃO ENTRE INJÚRIAS NÃO INTENCIONAIS E REALIZAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO EM CRIANÇAS¹

ASSOCIATION BETWEEN UNINTENTIONAL INJURIES AND PREVENTION STRATEGIES FOR CHILDREN

Francielle Tolfo², Carla Miranda³, Keila Cristina Rausch Pereira³,
Débora Martini Dalpian⁴, Dirce Stein Backes⁵, Mabel Mariela Rodriguez Cordeiro⁶,
Suely Grosseman⁷ e Bianca Zimmermann dos Santos⁸

RESUMO

A infância é um período vulnerável para a ocorrência de injúrias não intencionais; entretanto, é possível preveni-las. Este estudo objetivou verificar a associação entre a incidência de injúrias em pré-escolares, com a realização de estratégias de prevenção por pais ou responsáveis. Foi desenvolvido estudo longitudinal retrospectivo, com crianças que frequentavam a rede pública de ensino de Florianópolis em 2009. Os dados foram coletados através de um questionário semiestruturado. Foram incluídas 398 crianças, sendo que 275 (69,1%) sofreram injúria(s). Quanto à prevenção, 354 (88,9%) dos responsáveis afirmaram terem sido esclarecidos a respeito e 356 (89,4%) deles realizavam pelo menos algum tipo de estratégia para evitá-las. Houve associação entre a ocorrência de injúrias com: o tipo de cuidador no momento da sua ocorrência ($p=0,009$) e a realização de estratégias de prevenção pelo responsável ($p=0,002$). A incidência de injúrias foi alta e esteve associada ao tipo de cuidador e à realização de estratégias de prevenção, demonstrando que intervenções mais precisas e contínuas, voltadas para orientações sobre prevenção aos principais cuidadores, devem ser realizadas.

Palavras-chave: acidentes, acidentes domésticos, cuidado da criança, prevenção de acidentes.

ABSTRACT

Childhood is a vulnerable period for the occurrence of unintentional injuries, however it is possible to prevent their occurrence. This study aimed to verify an association between an incidence of unintentional injuries with preschool children with prevention strategies adopted by parents or guardians. A longitudinal retrospective study was performed with children attending public preschools of Florianópolis in 2009. Data were collected through a questionnaire. Overall, 398 children were included and 275 (69.1%) suffered unintentional injuries. Regarding prevention, 354 (88.9%) of parents/guardians claimed to have been informed about, and 356 (89.4%) of them performed at least some type of strategy to avoid them. There was an association between

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do curso de Odontologia - Universidade Franciscana. E-mail: francielle.tolfo@hotmail.com

³ Colaboradoras. Docentes do curso de Odontologia - Universidade do Sul de Santa Catarina. E-mails: ca_mirand@yahoo.com.br; keilarausch@gmail.com

⁴ Colaboradora. Docente do curso de Odontologia - Universidade Franciscana. E-mail: ddalpian@gmail.com

⁵ Colaboradora. Docente do curso de Enfermagem e do Mestrado em Saúde Materno Infantil - Universidade Franciscana. E-mail: backesdirce@ig.com.br

⁶ Colaboradora. Docente do Programa de Pós-graduação em Odontologia - Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: mabelmrcordeiro@hotmail.com

⁷ Colaboradora. Docente do curso de Medicina - Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: suely@linhalivre.net

⁸ Orientadora. Docente do curso de Odontologia e do Mestrado em Saúde Materno Infantil - Universidade Franciscana. E-mail: biancazsantos@hotmail.com

the occurrence of injuries and the type of caregiver at the time of their occurrence ($p = 0.009$) and prevention strategies adopted ($p = 0.002$). The incidence of injuries was high and was associated with the type of caregiver and the implementation of prevention strategies, demonstrating that more precise and continuous interventions, directed to prevention guidelines for the main caregivers, should be performed.

Keywords: *accidents, home accidents, child care, accident prevention.*

INTRODUÇÃO

Na infância, a criança passa por mudanças físicas, na forma de se relacionar com o ambiente, e as pessoas e adquire novas habilidades. Quanto mais jovem e imatura ela for, menor sua coordenação motora e percepção de risco, bem como maior sua curiosidade para experimentar e explorar os arredores e maior também sua dependência de terceiros, o que faz com que as crianças se tornem mais vulneráveis a situações de risco como quedas, queimaduras, colisões, choques, entre outras (BALAN; LINGAM, 2012; FORJUOH, 2012).

Muitas vezes utiliza-se a palavra “acidente”, como sinônimo de “injúria não intencional”, para designar tais situações. No entanto, o termo “acidente” está relacionado a eventos imprevisíveis, sendo assim, é mais adequada a utilização de “injúrias não intencionais”, pois sabe-se que é possível prevenir a ocorrência destes episódios (KENDRICK et al., 2012).

No mundo todo, as injúrias estão entre as quinze principais causas de morte na faixa etária dos 0 aos 19 anos de idade (PEARSON et al., 2012). Globalmente, todos os dias, mais de duas mil crianças e adolescentes morrem por uma lesão que poderia ter sido evitada (DOWSWELL; TOWNER, 2002). Nos países do sul da Ásia, como no Vietnã, essas lesões são a principal causa de morte e morbidade entre crianças e adolescentes de 0 a 19 anos (BOUFOUS et al., 2012).

As injúrias na infância comprometem especialmente a população com menor nível socioeconômico e a maioria das lesões ocorrem em casa (PEARSON et al., 2011). Em relação aos gastos com saúde pública, de acordo com o Centro para Controle e Prevenção de Doenças dos EUA (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2000), as despesas médicas relacionadas às injúrias, no período de 1985 a 2000, foram estimadas em US\$ 117 bilhões, representando 10,3% do total das despesas médicas do país.

A prevenção de injúrias na infância tem recebido pouca atenção e, portanto, parece constituir-se em um “problema invisível” de saúde pública (GASPAR et al., 2012). Enquanto isso, salas de emergência tratam diariamente inúmeras consequências dessas lesões não intencionais, que poderiam ter sido evitadas (CHAUVIN et al., 2012). Assim, é fundamental que governantes, profissionais da área da saúde, educadores e pais compreendam que elas são evitáveis e que medidas preventivas são eficazes nesta área (MORRONGIELLO et al., 2013).

Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa foi verificar a associação entre a incidência de injúrias, em pré-escolares, com a realização de estratégias de prevenção, por parte de pais ou responsáveis.

MATERIAL E MÉTODOS

SUJEITOS E DELINEAMENTO DO ESTUDO

Estudo longitudinal retrospectivo, realizado com crianças que frequentavam pré-escolas municipais públicas em Florianópolis/SC/Brasil, no ano de 2009.

Florianópolis é a capital do Estado de Santa Catarina, localizada na região sul do Brasil. Em 2009, haviam dez mil crianças matriculadas em pré-escolas da rede municipal da cidade, distribuídas entre 68 unidades educacionais.

O cálculo do tamanho amostral baseou-se nos seguintes parâmetros: nível de confiança de 95%, prevalência de injúrias não intencionais entre crianças no primeiro ano de vida de 86% (DRACHLER et al., 2007) e margem de erro de 3,5%. Esse cálculo determinou um tamanho amostral mínimo de 385 crianças. Acrescendo-se uma proporção de perdas e recusas de 25%, foram entregues questionários aos responsáveis de 481 crianças. A amostra foi estratificada por região do município, considerando as cinco regiões: norte - 17 escolas, central - 22 escolas, leste - 3 escolas, sul da Ilha - 16 escolas e região continental - 10 escolas. O número de escolas sorteadas para a pesquisa foi proporcional: norte - três, central - quatro, leste - uma, sul da Ilha - três e região continental - duas.

Um estudo piloto foi realizado com 10% do total da amostra, envolvendo crianças não participantes do plano amostral, para aferir a exequibilidade da proposta metodológica. Observou-se que tal proposta era exequível, sem necessidade de ajustes. Os dados foram coletados durante o terceiro trimestre de 2009, através de um questionário com questões abertas e fechadas. Os questionários foram entregues aos professores das crianças pertencentes à amostra, para que fossem preenchidos em casa pelos responsáveis delas e, posteriormente, devolvidos à escola. Quanto ao instrumento de coleta de dados, houve um cuidado especial em explicar e/ou simplificar termos que pudessem não ser bem compreendidos pelos respondentes do questionário.

VARIÁVEIS DO ESTUDO

Consideraram-se variáveis dependentes deste estudo a ocorrência de injúria e o número de injúrias que as crianças já sofreram durante sua vida, mensuradas através das perguntas “Seu filho(a) já sofreu algum tipo de acidente (queda, batida em móveis ou outros objetos, queimadura, engoliu material tóxico, teve esmagamento de dedo ou outra parte do corpo)?” e “Quantas vezes seu filho(a) já sofreu esse tipo de acidente?”.

Como variáveis independentes foram consideradas: idade e sexo da criança, quem cuida dela, se o responsável já recebeu informação acerca da prevenção de injúrias na infância, por que meios, se realiza estratégias de prevenção e, nesse caso, quais são estas.

ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

Os dados foram registrados no programa Excel, com realização de dupla digitação e posterior validação para correção de possíveis inconsistências. Após a descrição das variáveis, utilizou-se o teste Qui-quadrado para avaliar a associação entre a ocorrência de injúrias não intencionais na infância e as variáveis categóricas. As análises foram realizadas com o programa SPSS 20.0, considerando-se estatisticamente significativas as associações com valor $p < 0,05$.

ASPECTOS ÉTICOS

O projeto deste estudo foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina, que o aprovou conforme parecer número 256/07.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 481 crianças cujos pais ou responsáveis receberam o instrumento de pesquisa, 416 devolveram o questionário preenchido. Destas, 18 foram excluídas devido a problemas no preenchimento do questionário. Foram considerados, portanto, os questionários relativos a 398 crianças, o que resultou em uma proporção de perdas e recusas de 17%.

A média de idade das crianças do estudo foi de 49,58 meses (IC95% (48,19 - 50,97)). As variáveis de caracterização das crianças foram apresentadas na tabela 1, onde é possível verificar que entre as 398 crianças incluídas, 275 (69,1%) sofreram injúria(s).

Quando questionados sobre o recebimento de orientação na prevenção de injúrias, 354 (88,9%) dos 398 pais ou responsáveis afirmaram já terem sido esclarecidos a respeito, por meio(s) de informação (Tabela 2). Em relação às condutas de prevenção, 356 (89,4%) deles realizam pelo menos algum tipo de estratégia para prevenir injúrias (Tabela 2).

A tabela 3, mostra a associação entre a ocorrência de injúrias com as variáveis, o cuidador da criança e a realização de estratégia(s) de prevenção. Ao analisar o número de injúrias sofridas pelas crianças como variável dependente, as variáveis recebimento de informações sobre a prevenção, bem como a realização de estratégias de prevenção por pais ou responsáveis não estiveram associadas a ela (Tabela 4).

Tabela 1 - Variáveis de caracterização das crianças que frequentaram pré-escolas do município de Florianópolis. Florianópolis, SC, Brasil, 2009 (n = 398).

Variáveis	n	%
Idade (meses)		
24-35	107	26,9
36-47	75	18,8
48-59	109	27,4
60-71	75	18,8
72 ou mais	32	8,1
Sexo		
Masculino	221	55,5
Feminino	177	44,5
Ocorrência de injúria(s) não intencional(is)		
Sim	275	69,1
Não	118	29,6
Não sabe/Não respondeu	5	1,3
Quem cuida da criança		
Mãe	124	31,1
Pai	16	4,0
Professor	24	6,0
Avó ou Avô	12	3,1
Tia ou Tio	4	1,0
Babá	1	0,2
Outra criança	11	2,8
Sozinha	4	1,0
Pai e Mae	68	17,1
Mae e Avó ou tia	7	1,7
Não se aplica	118	29,6
Não sabe ou não respondeu	9	2,3

Tabela 2 - Variáveis relacionadas à orientação e meios de informação sobre prevenção de injúrias não intencionais na infância e conduta dos responsáveis em relação à prevenção destas. Florianópolis, SC, Brasil, 2009 (n=398).

Variáveis	n	%
Recebimento de orientação		
Não	36	9,0
Sim	354	88,9
Não respondeu	8	2,1
Meios de informação		
Televisão	287	72,1
Jornais e revistas	227	57,0
Familiares	186	46,7
Profissional da saúde	136	34,2
Escola	69	17,3
Curso	41	10,3
Não respondeu	8	2,0
Realização de estratégias de prevenção pelo responsável		
Não	31	7,8
Sim	356	89,4
Não respondeu	11	2,8

Estratégias de prevenção realizadas

“Fico sempre perto da criança”	157	39,4
“Retiro objetos que possam machucá-la do alcance dela”	125	31,4
“Explico a criança sobre o perigo de se machucar em determinadas circunstâncias”	113	28,4
“Armazeno material de limpeza em armários altos para impedi-la de alcançá-los”	72	39,4
“Não permito que ela se aproxime do fogão”	58	14,6
“Nunca deixo a criança sem supervisão de adulto”	41	10,3
“Retiro medicamentos do seu alcance”	33	8,3

Nota: os valores e as porcentagens referem-se às observações válidas para cada variável.

Tabela 3 - Associação entre a ocorrência de injúrias não intencionais com as variáveis, idade, sexo, quem cuida da criança, o recebimento de informações sobre a prevenção destas, bem como a realização de estratégias de prevenção por pais ou responsáveis. (398). Florianópolis, SC, Brasil, 2009 (n = 398).

	Ocorrência de injúria(s) não intencional(is)				Valor p*
	Não		Sim		
	n	%	n	%	
Idade (meses)					
24-35	24	27,6	61	70,1	0,211
36-47	32	33,7	63	66,3	
48-59	34	31,2	73	67,0	
60-71	21	28,0	54	72,0	
72 ou mais	7	21,9	24	75,0	
Sexo					
Masculino	59	26,7	161	72,9	0,078
Feminino	59	33,3	114	64,4	
Quem cuidava da criança no momento da injúria					
Irmão (n=17)	3	17,6	14	82,4	0,009*
Avós (n=129)	35	27,1	94	72,9	
Somente Pais (n=100)	28	28,0	72	72,0	
Tios (n=43)	15	34,9	28	65,1	
Pais + Alguém da família (n=97)	31	32,0	62	63,9	
Pais + Babá (n=2)	1	50,0	1	50,0	
Babá (n= 10)	5	50,0	4	40,0	
Recebimento de orientação sobre prevenção					
Sim	104	29,4	245	69,2	0,990
Não	11	30,6	25	69,4	
Realização de estratégias de prevenção pelo responsável					
Sim	103	28,9	250	70,2	0,002*
Não	12	38,7	18	58,1	

Nota: teste do qui-quadrado * Nível de significância < 0,05

Tabela 4 - Associação entre a frequência de injúrias não intencionais entre crianças e o recebimento de orientação sobre a prevenção destas e realização de estratégias de prevenção pelos seus responsáveis. Florianópolis, SC, Brasil, 2009.

	Ate 3 injurias		Mais de 3 injurias		Valor p
	n	%	n	%	
Recebimento de orientação sobre prevenção					
Sim	122	48,8	128	51,2	0,955
Não	14	51,9	13	48,1	
Realização de estratégias de prevenção pelo responsável					
Não	9	36,0	16	64,0	0,389
Sim	126	50,4	124	49,6	

Nota: os valores e as porcentagens referem-se às observações válidas para cada variável. Teste do qui-quadrado.

Neste estudo foi verificou-se que a maioria das crianças incluídas na amostra já havia sofrido alguma injúria. Outra pesquisa, realizada no Paquistão, com 566 crianças com menos de 12 anos de idade, revelou que 409 (72%) já haviam sofrido algum tipo de lesão não intencional (ZIA et al., 2012).

Quanto ao cuidador da criança observou-se que a mãe é a principal cuidadora, indo de acordo com o estudo realizado por Bishai et al. (2008). No entanto, os mesmos autores observaram, em sua pesquisa, que 90% dos 252 casos em que as mães e os pais trabalhavam, mesmo assim as mães eram as cuidadoras principais dos filhos. Portanto, questiona-se a veracidade desses relatos.

No presente, estudo foi observado que 28,9% das crianças pré escolares já sofreram no mínimo uma injúria não intencional e 40,2%, duas ou mais injúrias. Este dado é relevante, considerando que muitos eventos, especialmente injúrias mais leves, que não causam danos evidentes à criança, nem sequer são percebidas pelos cuidadores que acabam, em levantamentos como este, não relatando-as e lembrando apenas das situações que, pela severidade, chamaram mais sua atenção.

Nesta pesquisa, quando questionados sobre já terem recebido informações acerca da prevenção de injúrias na infância, a maioria dos responsáveis pelas crianças afirmou já terem sido esclarecidos a respeito por meio, principalmente, da mídia (televisão, rádio, revista, jornal etc.) e de outros membros da família. Chama a atenção o fato de os profissionais da saúde terem sido menos citados que os descritos anteriormente. É possível que os pais, durante o pré-natal e os primeiros anos de vida dos filhos, recebam uma grande quantidade de informações sobre vários temas relacionados com a saúde e, nesse contexto, recomendações sobre a prevenção de lesões podem tornar-se secundárias a problemas mais imediatos e aparentes, como imunizações ou nutrição (NANSEL et al., 2008).

Segundo pesquisas recentes (MYTTON et al., 2014; KENDRICK et al., 2013), intervenções sobre prevenção de injúrias como programas educacionais “one-to-one” e “face-to-face”, especialmente com o fornecimento de equipamentos de segurança, podem ser eficazes para aumentar o nível das práticas de prevenção no ambiente doméstico.

Ainda, em relação às estratégias para prevenir injúrias não intencionais, nesta pesquisa, a maioria dos responsáveis informou realizá-las. Isso foi ao encontro do observado em estudo progressivo, que

relatou que os pais realizavam a prevenção de injúrias, mas as medidas tomadas não estavam sendo efetivas, o que os pesquisadores relacionaram aos tipos de atividade das crianças, que muitas vezes as colocavam em risco (DAL SANTO et al., 2004). Muito mais do receber orientação sobre este agravo e realizar algumas medidas de prevenção, é preciso que os responsáveis conheçam seus filhos e percebam seus comportamentos, buscando evitar ao máximo situações que os coloquem em risco. Essa conduta não é simples, pois exige dedicação e cuidados constantes.

A supervisão da criança pelo tempo todo, foi a estratégia de prevenção mais utilizada pelos cuidadores nesta pesquisa. Outro estudo também revelou que os pais, na maioria das vezes, supervisionam seus filhos de perto para evitar injúrias e demonstrou, ainda, que esta conduta está associada à diminuição dos riscos de ocorrência dessas lesões (MORRONGIELLO; HOUSE, 2004). Este resultado de supervisão pelo tempo todo perto vai ao encontro da adequada supervisão, que está baseada em três fatores: atenção, proximidade e continuidade da atenção e da proximidade. A supervisão máxima e o menor risco de lesão, principalmente em crianças menores de seis anos, são mais prováveis de ocorrer quando um supervisor está observando e ouvindo atentamente a criança, e está na maior proximidade possível (ou seja, tocando), visto que esses comportamentos são sustentados e constantes ao longo do tempo (MORRONGIELLO; SCHELL, 2010).

Nesta pesquisa, não houve associação entre a ocorrência de injúrias não intencionais e a idade das crianças incluídas na amostra. No entanto, outros trabalhos demonstraram que, até os quatro anos de idade as crianças apresentam maior risco de sofrerem essas lesões (PEDEN, 2008). Nesse sentido, entende-se que, à medida que a criança cresce, a exposição de riscos às injúrias aumenta, pois há uma grande evolução no processo de desenvolvimento e crescimento da criança; porém esta ainda não apresenta coordenação motora aprimorada e, muito menos, tem habilidade de reconhecer situações de risco (BALAN; LINGAM, 2012; FORJUOH, 2012). Também não houve associação entre o gênero e a ocorrência das injúrias. No entanto, outras pesquisas verificaram essa associação (BRUSSONI et al., 2013). Nesses trabalhos, o sexo masculino esteve relacionado a uma maior ocorrência de lesões; provavelmente devido às diferenças de comportamento entre os sexos e a fatores culturais, que determinam maior liberdade aos meninos e, em contrapartida, maior vigilância com as meninas (MARTINS; ANDRADE, 2007).

Dessa forma, a associação entre o cuidador e a ocorrência de injúrias não intencionais, foi confirmada. Neste estudo, ainda, outros demonstraram que o risco de uma criança sofrer este tipo de agravo aumenta quando o responsável por seus cuidados é um irmão mais velho, o que pode estar relacionado à falta de maturidade de uma criança para cuidar de outra (BISHAI et al., 2008; MORRONGIELLO; SCHELL; KELEHER, 2013). Os resultados encontrados nesta pesquisa também fornecem evidências de que há associação entre a ocorrência de injúrias e o fato de os responsáveis pelas crianças serem pais ou avós. Quanto aos avós, esse achado pode estar relacionado ao pressuposto de que eles têm uma visão à moda antiga sobre as práticas de segurança e cuidados infantis,

muitas vezes considerando-as desnecessárias e, portanto, negligenciando-as (BISHAI et al., 2008). Em relação aos pais, eles podem estar tendo falhas quanto aos cuidados com seus filhos, visto que é comum, por exemplo, estarem no mesmo ambiente das crianças, porém executando outras tarefas enquanto realizam sua supervisão. Segundo Landen et al. (2009) as mortes por injúrias entre crianças de 0-6 anos, em 43% dos casos, foram determinadas por uma possível falha na sua supervisão. Três dimensões críticas são identificadas como fundamentais na execução de uma boa supervisão: atenção à criança e ao ambiente, proximidade física e afetiva e continuidade dessa supervisão (PAES; GASPAR, 2005). Assim sendo, não basta estar com a criança, é preciso que o cuidador fique atento a ela. Nesse contexto, a pesquisa demonstrou que a supervisão por babás foi mais eficiente. Isso pode estar relacionado ao fato de que, por serem profissionais contratadas exclusivamente para cuidar das crianças, dediquem atenção exclusiva a elas.

Neste estudo não houve associação da ocorrência de injúrias entre as crianças com o recebimento de informações sobre sua prevenção por seus responsáveis. Assim, pode ser que haja uma lacuna entre a transmissão das informações sobre prevenção de lesões não intencionais e sua realização. É possível que o modo como as orientações são passadas também possa não estar atingindo os pais (DAL SANTO et al., 2004), visto ter sido comprovado que, quanto maior a percepção que os pais ou responsáveis têm sobre a ocorrência de injúrias, menor é o risco de as crianças sofrerem alguma lesão.

Neste estudo, houve associação entre a ocorrência de injúrias e a realização de estratégias de prevenção. Brussoni e Olsen (2011) analisaram as atitudes e práticas de pais em relação à prevenção de injúrias em crianças, através de entrevistas domiciliares. Verificaram que a maioria dos pais realizavam condutas para prevenir que seus filhos sofressem injúrias. Entretanto, as crianças, mesmo assim, acabavam sofrendo alguma lesão, sugerindo que as medidas de prevenção tomadas não estavam sendo efetivas. Provavelmente, outros fatores, como o tipo de atividade infantil, interfiram no risco de as crianças sofrerem injúrias (DAMASHEK; KUHN, 2013). Certamente, também há influência do modo como a supervisão das crianças é feita, considerando que, como foi dito anteriormente, só será efetiva a supervisão realizada com atenção e dedicação (PAES; GASPAR, 2005). Futuras pesquisas, utilizando técnicas de observação para analisar os comportamentos específicos de mães e pais, ao realizarem as estratégias de prevenção de injúrias na infância, podem ajudar a evidenciar as falhas existentes (DAMASHEK; KUHN, 2013).

As injúrias precisam ser reconhecidas como um problema de saúde pública e exigem intervenções mais precisas, visto que as estratégias de prevenção, realizadas pelos responsáveis pelas crianças, não estão sendo efetivas. Ainda, as orientações sobre prevenção devem ser contínuas e direcionadas aos principais cuidadores, sendo eles pais, avós, tios ou outros familiares, bem como babás. Quanto aos irmãos mais velhos, é preciso conscientizar os pais que crianças pequenas não estão aptas a se responsabilizar por irmãos mais novos.

CONCLUSÃO

A incidência de injúrias foi alta e esteve associada ao tipo de cuidador e à realização de estratégias de prevenção, demonstrando que intervenções mais precisas e contínuas, voltadas para orientações sobre prevenção aos principais cuidadores, devem ser realizadas.

REFERÊNCIAS

BALAN, B.; LINGAM L. Unintentional injuries among children in resource poor settings: where do the fingers point?. **Arch Dis Child**, v. 97, n. 1, p. 35-38, 2012.

BISHAI, D. et al. Risk Factors for Unintentional Injuries in Children: Are Grandparents Protective?. **Pediatrics**, v. 5, n. 1, p. 980-987, 2008.

BOUFOUS, S. et al. Child injury prevention in Vietnam: achievements and challenges. **Int J Inj Contr Saf Promot**, v. 19, n. 2, p. 123-129, 2012.

BRUSSONI, M. et al. Men on fathering in the context of children's unintentional injury prevention. **Am J Mens Health**, v. 7, n. 1, p. 77-86, 2013.

BRUSSONI, M.; OLSEN, L. Striking a balance between risk and protection: fathers' attitudes and practices toward child injury prevention. **J Dev Behav Pediatr**, v. 32, n. 7, p. 491-498, 2011.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Medical expenditures attributable to injuries - U.S. 2000. **MMWR**, v. 53, n. 1, p. 1-4, 2004.

CHAUVIN, J. et al. An invisible epidemic: preventing unintentional injuries among children and youth a priority for national Public Health Associations. **J Public Health Policy**, v. 33, n. 1, p. 132-135, 2012.

DAL SANTO, J. A. et al. Childhood Unintentional Injuries: Factors Predicting Injury Risk Among Preschoolers. **J Pediatr Psychol**, v. 29, n. 4, p. 273-283, 2004.

DAMASHEK, A.; KUHN, J. Toddlers' Unintentional Injuries: The Role of Maternal-Reported Paternal and Maternal Supervision. **J Pediatr Psychol**, v. 38, n. 3, p. 265-275, 2013.

DOWSWELL, T.; TOWNER, E. Social deprivation and the prevention of unintentional injury in childhood: a systematic review. **Health. Educ. Res.**, v. 17, n. 2, p. 221-237, 2002.

DRACHLER, M. L. et al. Effects of the home environment on unintentional domestic injuries and related health care attendance in infants. **Acta Paediatr**, v. 96, n. 8, p. 1169-1173, 2007.

FORJUOH, S. N. Childhood injury prevention revisited. **Int J Inj Contr Saf Promot**, v. 19, n. 2, p. 91-92, 2012.

GASPAR, V. et al. Características de crianças e adolescentes hospitalizados em decorrência de causas externas. **Rev Med Minas Gerais**, v. 22, n. 3, p. 287-295, 2012.

KENDRICK, D. et al. Home safety education and provision of safety equipment for injury prevention. **Cochrane Database Syst Rev**, v. 12, n. 9, CD005014, 2012.

KENDRICK, D. et al. Home safety education and provision of safety equipment for injury prevention (Review). **Evidence-Based Child Health**, v. 8, n. 3, p. 761-939, 2013.

LANDEN, M. G.; BAUER, U.; KOHN, M. Inadequate supervision as a cause of injury deaths among young children in Alaska and Louisiana. **Pediatrics**, v. 111, n. 2, p. 328-331, 2009. -

MARTINS, G. B. C.; ANDRADE, S.M. Queimaduras em crianças e adolescentes: análise da morbidade hospitalar e mortalidade. **Acta Paul Enferm**, v. 20, n. 4, p. 464-469, 2007.

MORRONGIELLO, B.; SCHELL, S. Child Injury: The role of supervision in prevention. **Am J Lifestyle Med**, v. 4, n. 1, p. 65-74, 2010.

MORRONGIELLO, B. et al. Results of a randomized controlled trial assessing the efficacy of the Supervising for Home Safety program: Impact on mothers' supervision practices. **Accident Analysis & Prevention**, v. 50, p. 587-595, 2013.

MORRONGIELLO, B. A; HOUSE, K. Measuring parent attributes and supervision behaviors relevant to child injury risk: examining the usefulness of questionnaire measures. **Inj Prev.**, v. 10, n. 2, p. 114-118, 2004.

MORRONGIELLO, B. A.; SCHELL, S. L.; KELEHER, B. Advancing our understanding of sibling supervision and injury risk for young children. **Soc Sci Med**, v. 96, p. 208-213, 2013.

MYTTON, J. A. et al. The First-aid Advice and Safety Training (FAST) parents programme for the prevention of unintentional injuries in preschool children: a protocol. **Injury prevention**, v. 20, n. 4, p. e2, 2014.

NANSEL, T. R. et al. Preventing unintentional pediatric injuries: a tailored intervention for parents and providers. **Health Educ Res**, v. 23, n. 4, p. 656-569, 2008.

PAES, C. E. N.; GASPAR, V. L. V. Unintentional injuries in the home environment: home safety. **J Pediatr**, v. 81, n. 5, p. 146-154, 2005.

PEARSON, M. et al. Preventing unintentional injuries to children in the home: a systematic review of the effectiveness of programmes supplying and/or installing home safety equipment. **Health Promotion International**, v. 26, n. 3, p. 376-392, 2011.

PEARSON, M. et al. Preventing unintentional injuries to children under 15 years in the outdoors: a systematic review of the effectiveness of educational programs. **Inj Prev**, v. 18, n. 2, p. 113-123, 2012.

PEDEN, M. **World report on child injury prevention**. Geneva: WHO, 2008.

ZIA, P. N. et al. Understanding unintentional childhood home injuries: pilot surveillance data from Karachi. **BMC**, v. 5, n. 37, p. 1-6, 2012.